

Técnicas de mapeamento aplicadas ao estudo da epigrafia arquitetônica paulistana

Mapping techniques applied to the study of São Paulo city architectonic epigraphy

tipografia, arquitetura, mapeamento

Este artigo apresenta resultados de pesquisa sobre elementos tipográficos presentes nos edifícios do centro histórico da cidade de São Paulo. Utilizando-se uma metodologia de mapeamento, mostra-se que, com base nas informações encontradas em determinadas inscrições nas fachadas dos edifícios, podem-se inferir padrões e direcionamentos de ocupação dessa área, ainda pouco identificados, principalmente no que se refere à autoria de projeto e execução da obra, assim como das respectivas datas. Embora muitos prédios façam parte do patrimônio histórico, os arquivos de tombamento carecem de algumas dessas informações. Muitas delas podem ser encontradas nas epígrafes arquitetônicas. Definidas como assinaturas, registros públicos e perenes de autoria de projeto ou construção, as epígrafes podem ser também analisadas como um exemplo sutil de design visual aplicado à paisagem urbana.

typography, architecture, mapping

This paper summarizes some findings of a research on typographic elements found in São Paulo city central area. Using mapping methodology, we show that based on the information found in certain inscriptions in the building façades, it is possible to identify patterns and paths of settlement in this area, specially in what regards authorship and dates of design and construction. Although many of the edifices studied are part of the city heritage, heritage files very often lack this kind of information, which can be found in architectonic epigraphs. Defined as signatures, public and everlasting records of design authorship, epigraphs might also be analyzed as an example of visual design applied to the city.

1. Introdução

Este trabalho apresenta alguns resultados de uma pesquisa sobre elementos tipográficos encontrados nas fachadas dos edifícios do centro histórico da cidade de São Paulo.

Ao conjunto das manifestações tipográficas encontradas em uma determinada cidade, em um específico recorte temporal, demos o nome de Paisagem Tipográfica. Dentro desse conjunto, identificamos diversos tipos de inscrições, das mais planejadas e perenes às mais acidentais e efêmeras. Chamamos de Tipografia Arquitetônica as inscrições perenes, tais como o nome e o número de um prédio, geralmente planejadas e construídas juntamente com o edifício.

As epígrafes arquitetônicas são uma categoria de Tipografia Arquitetônica encontrada com frequência em edifícios do centro histórico da cidade de São Paulo. Elas consistem em inscrições com os nomes dos arquitetos e construtores e, às vezes, dos proprietários dos edifícios, incisas, na maioria das vezes, nas rochas ornamentais das fachadas dos edifícios. Geralmente estão localizadas próximo à entrada principal, e funcionam como assinaturas, registros públicos e perenes de autoria da obra.

Embora muitos dos edifícios que apresentam epígrafes sejam tombados como patrimônio histórico, os arquivos públicos ignoram a presença dessas inscrições. Não incorporaram, portanto, as informações sobre os engenheiros, arquitetos e empresas envolvidos na construção do edifício. Isto pode se explicar pelo fato de que os exemplos encontrados na cidade de São Paulo são, geralmente, de tamanho reduzido, com inscrições discretas, colocadas abaixo da linha de visão do pedestre, permanecendo, muitas vezes, imperceptíveis.

Este artigo apresenta os recortes espaciais e temporais da pesquisa, e uma análise das características das epígrafes arquitetônicas do centro histórico da cidade de São Paulo. Ao final,

3. Epígrafes arquitetônicas

Epígrafes arquitetônicas são inscrições, geralmente gravadas nas rochas ornamentais, como granito ou mármore, que revestem as fachadas de um edifício, e nas quais figuram os nomes de arquitetos, engenheiros e construtores daquela obra. No centro de São Paulo, elas são geralmente encontradas próximo à entrada principal do edifício, e consistem freqüentemente em duas ou três linhas de texto. Dos 314 edifícios catalogados, 117 apresentam epígrafes arquitetônicas em suas fachadas. Esse número representa quase 20% do total estimado de 670 edifícios. Em algumas ruas, como a Marconi, mais de 90% dos edifícios possuem epígrafes arquitetônicas. Alguns edifícios apresentam mais de uma epígrafe em suas fachadas, e, sendo assim, foram catalogadas 133 epígrafes.

Essa alta incidência revela-se um fenômeno restrito, no Brasil, à cidade de São Paulo, algo que pôde ser confirmado através de pesquisas de campo realizadas em outras capitais como Rio de Janeiro, Recife, Curitiba e Salvador, entre 2003 e 2007. No contexto latino-americano, entretanto, foi possível identificar a presença de epígrafes arquitetônicas em grande número em outras metrópoles, como Buenos Aires, na Argentina, e Santiago, no Chile.

Estudos clássicos sobre tipografia arquitetônica européia, tais como os trabalhos de Nicolette Gray (1960, 1986), Alan Bartram (1975) e Jock Kinneir (1980), não fazem menção a essa categoria de tipografia urbana. Em *Signs: lettering in the environment*, Phil Baines e Catherine Dixon (2003) mostram um único exemplar de algo que poderíamos classificar como epígrafe arquitetônica: uma inscrição na qual se lê 'HTE | BOULANGER | &CIE', feita em cerâmica, encontrada em Paris (Baines & Dixon, 2003:179). De acordo com esses autores, trata-se de um exemplo eventual de letreiramento que revela o orgulho de certos construtores pelo seu trabalho (Baines & Dixon, 2003:103). Uma pesquisa realizada nos arquivos de Nicolette Gray, na Central Saint Martins School of Art and Design, em 2007, revelou a presença de apenas um registro fotográfico de epígrafe, realizado pela pesquisadora em Bruxelas.

A análise das epígrafes arquitetônicas paulistanas incluiu, até o momento, observações sobre o conteúdo e a forma (posicionamento, alinhamento, tipo de letra) de seus textos. Essas análises estão baseadas na observação *in loco*, no registro fotográfico, e nas anotações em fichas de campo. Os dados coletados e organizados geraram, em uma primeira etapa, um banco de dados, e, em uma segunda etapa, algumas dessas informações foram transferidas para mapas. Os mapas possibilitaram uma nova forma de visualização dos dados, que nos permitiu verificar relações espaciais que dificilmente poderíamos identificar de outra maneira.

Quase todas as epígrafes arquitetônicas catalogadas contêm os nomes dos arquitetos, engenheiros, construtores, ou das companhias responsáveis pelo projeto ou pela obra. Algumas mencionam o ano, e uma delas especifica dia, mês e ano, possivelmente da inauguração.¹ Duas epígrafes registram os nomes de seus proprietários. Uma delas reivindica ao proprietário a autoria do projeto,² e na outra, o nome do proprietário é mencionado numa inscrição separada daquela que menciona a autoria.³

A análise da grafia dessas inscrições forneceu indícios sobre a data da construção dos edifícios, uma vez que palavras como *projecto/projeto*, *architecto/arquiteto* e *constructor/construtor* são grafadas de modo diferente antes e depois da reforma ortográfica da língua portuguesa em 1943. A análise do texto epigráfico também revelou que ao menos dois arquitetos graduados na França e um graduado no Reino Unido estavam em atividade profissional em São Paulo na primeira metade do século. Os arquitetos Sajous e J. Pilon, graduados na França, incluíram o acrônimo D.P.L.G. (*Diplômé par le Gouvernement*) em suas epígrafes, enquanto Robert Prentice, graduado pelo Royal Institute of British Architects,⁴ incluiu F.RIBA depois de seu nome.

O posicionamento e o estilo das letras são duas das principais variáveis formais das epígrafes que podem ser relacionadas a outros elementos arquitetônicos. Em São Paulo, essas inscrições são encontradas do lado esquerdo ou direito da entrada principal (ou em ambos, quando há duas epígrafes). Elas estão posicionadas abaixo da linha de visão do pedestre, entre 50 cm e 100 cm

1. Na epígrafe do Edifício Paissandu, no Largo Paissandu 100, lê-se: PILON E MATARAZZO ARCHITECTOS | J. DILZ E CIA | ENG. CONSTRUCTORES 14-1-1937.

2. Na epígrafe do Prédio Martinelli, Rua São Bento 405, lê-se: PRÉDIO MARTINELLI | PROJETO E DESENHO DO PROPRIETÁRIO [sic.] JOSÉ MARTINELLI | ITALO MARTINELLI | A.D. MCMXXIX.

3. Nas epígrafes do Prédio Santa Victoria, Rua Dom José de Barros 337, lê-se, no lado direito da entrada: PROJECTO E CONSTRUÇÃO | WILLIAM FORTUNATO, e, do lado esquerdo: PROPRIEDADE DE | ACHILLE FORTUNATO.

4. Na epígrafe do lado esquerdo do edifício na Rua Anchieta 35, lê-se: ARCHITECTOS | R. R. PRENTICE | F. RIBA | J. PILON | DPLG. Em uma das epígrafes do Edifício Brasília, Rua José Bonifácio 209, lê-se: PROJECTO E FISCALISAÇÃO | SAJOURS | ARCHITECTO | D. P. L. G.

do piso. A relação entre o estilo da letra e o estilo arquitetônico nem sempre é de similaridade. Poucas epígrafes parecem ter sido desenhadas especificamente para este ou aquele edifício, exibindo caracteres coerentes com a linguagem arquitetônica. Estudos comparativos das epígrafes de um mesmo arquiteto e construtor revelam que eles freqüentemente aceitavam encomendas para edifícios de estilos diferentes (ecclético, romântico, *art déco*, moderno), mas nem sempre adaptavam o desenho das letras em concordância com esses estilos.

No que diz respeito à composição dos textos, poucas epígrafes apresentam caracteres minúsculos. Letras maiúsculas são a norma, com ou sem serifa, com eventual adoção de versaltes (composição com maiúsculas de duas alturas diferentes). Muitas inscrições, especialmente aquelas em edifícios *art déco* construídos entre o final da década de 1930 e início da de 1940, utilizam caracteres sem serifa geométricos. Apenas uma das epígrafes catalogadas apresenta caracteres escriturais ou caligráficos. O texto possui, freqüentemente, alinhamento centralizado ou justificado. A altura média dos caracteres é de 5 cm, e a média do tamanho das inscrições é de 30 cm na altura, e 50 cm no comprimento.

A análise das informações contidas nas epígrafes revela pressupostos originais sobre os principais agentes e tendências na ocupação do centro histórico de São Paulo e na construção dos edifícios. Ela também mostra como tais agentes e seus contratantes escolheram se apresentar às gerações futuras. O mapeamento das informações encontradas permite a apreciação do fluxo e da trajetória da ocupação da área, bem como a constatação da presença predominante de determinados arquitetos e engenheiros em momentos e lugares específicos.

4. Mapeamento das epígrafes arquitetônicas

Em *Visual explanations*, Edward Tufte (1997:27-35) enfatiza a importância dos mapas na visualização de evidências para a tomada de decisões. Como exemplo, cita a utilização de mapas para análise e contenção da epidemia de cólera em Londres em 1854. Em trabalho apresentado no 2º Congresso Internacional de Design da Informação, Alison Barnes (2005) demonstrou que técnicas especiais de mapeamento podem ser usadas para revelar a intervenção humana no espaço, e para mostrar a relação entre diferentes aspectos da geografia humana no ambiente urbano, levando a uma compreensão renovada dos conceitos de espaço, lugar e identidade. Esses dois autores forneceram as bases teóricas para os experimentos de mapeamento descritos a seguir.

Desde o início desta pesquisa, os mapas se mostraram instrumentos extremamente válidos. Na medida em que o número de edifícios tabulados crescia rapidamente, e novos pesquisadores e bolsistas eram incorporados à equipe, as listas, fichas e planilhas com nomes e endereços tornaram-se pouco eficientes. Um mapa mostrando a localização de todos os edifícios foi elaborado, e a área de pesquisa foi dividida em quatro quadrantes, ordenados de forma a facilitar a consolidação dos dados e o controle das informações.

Uma vez estabelecido esse padrão de mapeamento, algumas questões tornaram-se evidentes: Quais pontos corresponderiam às epígrafes mais antigas? De que forma a idéia de incluir epígrafes nos edifícios se difundiu no centro histórico de São Paulo? Haveria concentração de epígrafes em algumas regiões em detrimento de outras? Como as epígrafes de determinados arquitetos construtores se distribuem pela área estudada?

Um mapa preciso do loteamento da região, mostrando a localização dos edifícios contendo epígrafes arquitetônicas, foi então elaborado (fig. 2).⁵ Nesse mapa, pode-se apreciar a distribuição e concentração das epígrafes em determinadas áreas. A partir da divisão em quatro quadrantes, utilizando o Vale do Anhangabaú como referência para o eixo vertical e o Viaduto do Chá como eixo horizontal, pode-se constatar que as epígrafes estão mais concentradas nos quadrantes inferior esquerdo e superior direito e, em particular, em torno à Rua Marconi e à Praça da Sé.

5. Os mapas foram elaborados como ilustração vetorial, utilizando-se o software Adobe Illustrator. Em razão das restrições necessárias para publicação, mostramos neste artigo versões reduzidas dos mapas, transformadas em imagens bitmap.

Figura 2. Mapa de lotes com a localização de todas as epígrafes arquitetônicas e divisão em quadrantes.



5. Mapeando a presença de arquitetos e construtores

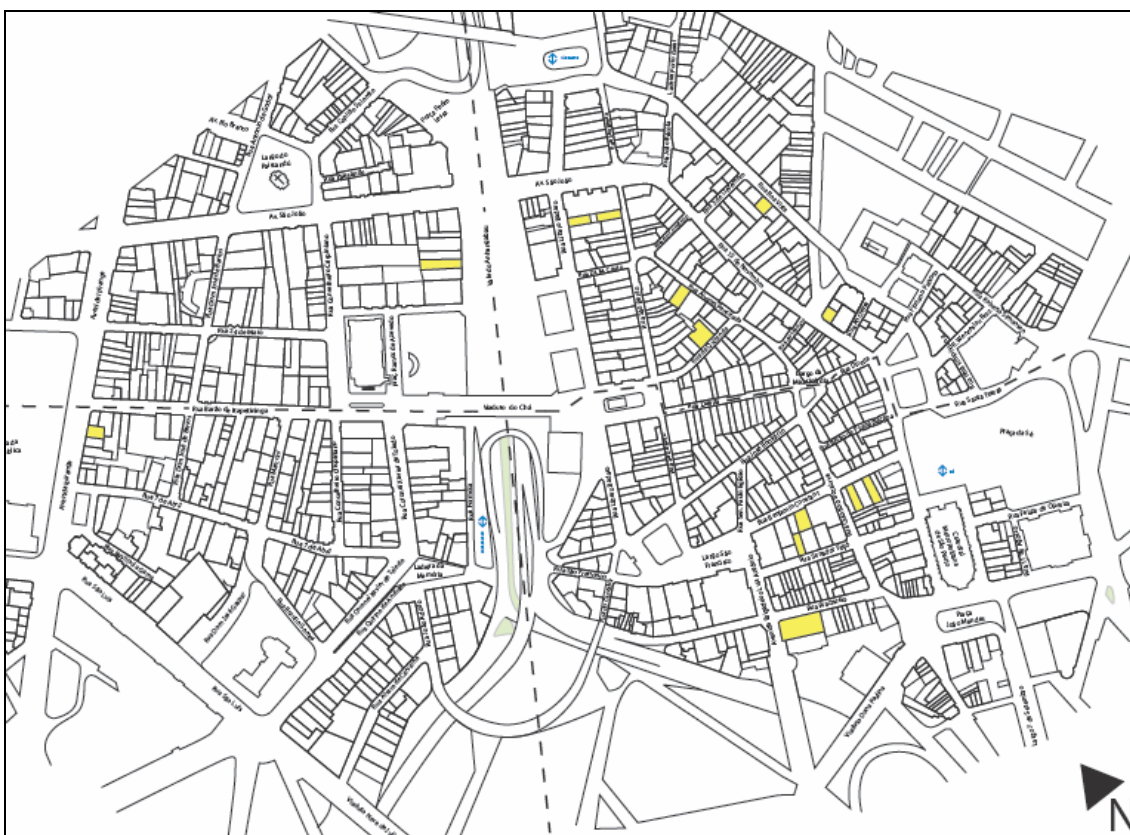
A análise dos textos das epígrafes revela quais foram os arquitetos e construtores mais atuantes no centro da cidade de São Paulo. Alguns nomes aparecem apenas uma ou duas vezes, enquanto outros são encontrados com maior frequência. Ao se evidenciar no mapa os edifícios nos quais os nomes de determinados arquitetos e construtores aparecem, pode-se inferir a relevância e extensão de sua presença na área estudada.

Um dos nomes mais frequentes, citado em treze epígrafes arquitetônicas, é o de Siciliano & Silva, escritório formado pela associação dos arquitetos engenheiros Heribaldo Siciliano e Antonio Alves Vilarés da Silva (fig. 3). Pouco se sabe sobre o trabalho desses profissionais, cujo escritório parece ter estado ativo entre as décadas de 1920 e 1940. De acordo com Ficher (2005:94), no início da década de 1940, Siciliano & Silva era uma empresa grande e bastante conhecida. Na figura 4, pode-se verificar que eles aparecem na parte mais antiga do centro, à direita do mapa, dado consistente com a configuração do centro no início do século XX.

Figura 3. Epígrafe do escritório Siciliano & Silva. (fotografia de Patrícia Gatto)



Figura 4. Mapa com a localização das epígrafes de Siciliano & Silva.



Alfredo Mathias, nome que aparece em nove epígrafes (figuras 5 e 6), é mais conhecido pelo projeto do primeiro *shopping center* de São Paulo (Shopping Iguatemi). Também é o responsável pelo edifício Grandes Galerias, atualmente mais conhecido como “Galeria do rock” – referência ao

tipo de comércio que prevalece no local –, construído na década de 1950 e localizado no quadrante superior esquerdo do mapa. A partir dos textos dessas epígrafes, entretanto, pode-se presumir que seu escritório já estava em atividade no início dos anos 40, e que os edifícios nos quais Mathias é apresentado como “ARCH” (architecto) foram construídos antes de 1943. Embora não muito freqüente, sua presença alastra-se por todos os quadrantes da área de pesquisa. As epígrafes mais antigas estão concentradas nos quadrantes inferiores, entre as regiões da Rua Conselheiro Crispiniano e da Praça da Sé, enquanto as mais recentes são encontradas nos quadrantes à esquerda, entre a Rua Conselheiro Crispiniano e a Avenida Ipiranga.

Figura 5. Epígrafe arquitetônica de Alfredo Mathias. (fotografia de Patrícia Gatto)

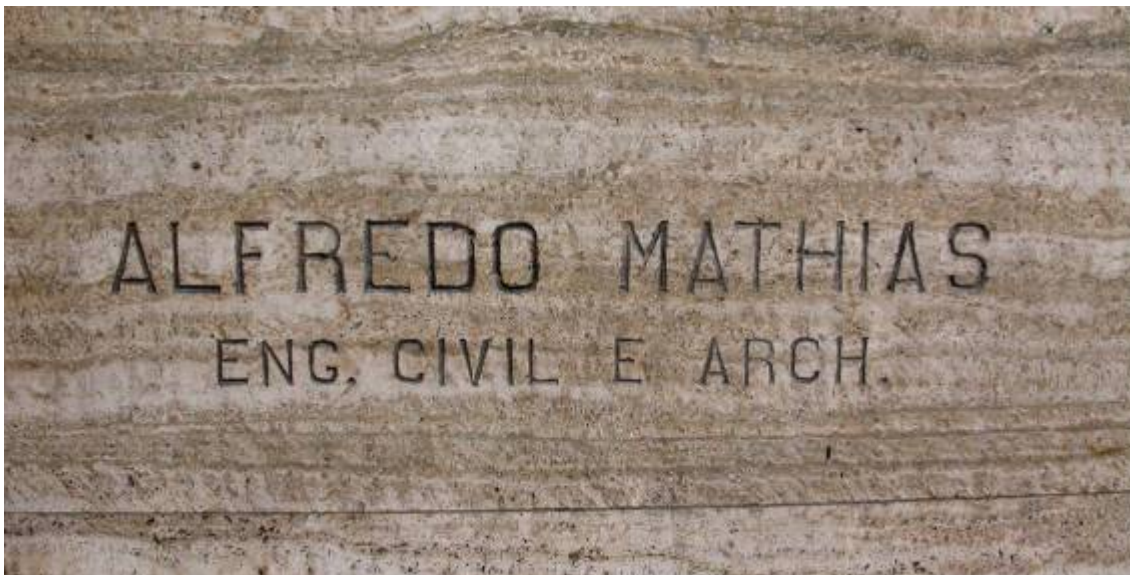
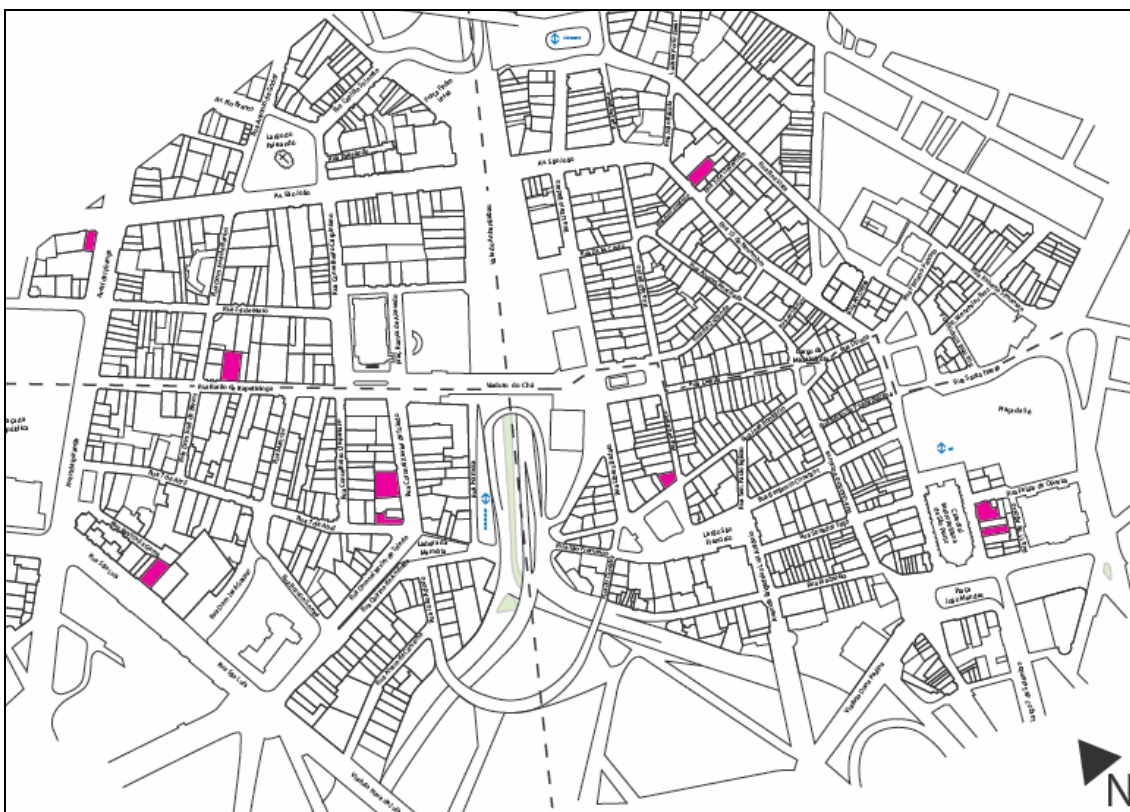


Figura 6. Mapa com a localização das epígrafes de Alfredo Mathias.



O nome Duarte (grafado com U ou às vezes com V) aparece em sete edifícios e oito epígrafes (figuras 7 e 8). Embora até o momento não tenha sido possível encontrar muitas informações a respeito desse construtor, presume-se que 'DUARTE e CIA', 'DVARTE e CIA' e 'SOCIEDADE CONSTRUTORA DUARTE' são nomes diferentes para o mesmo escritório de arquitetura e engenharia, dirigido por uma mesma pessoa. De acordo com as datas encontradas em duas dessas epígrafes (Edifício Marabá, 1945, e Edifício Domingos Fernandes Alonso / Galeria Olido, 1957), e considerando a grafia das demais ('ARC.', 'ARCHTS.'), Duarte deve ter trabalhado de modo intenso entre o início dos anos 40 e o final da década de 1950. As epígrafes mais antigas nas quais Duarte é mencionado concentram-se no quadrante inferior direito, enquanto outras, mais recentes e em maior número (mais de 50%), estão localizadas no quadrante superior esquerdo.

Figura 7. Epígrafe arquitetônica de Duarte & Cia. (fotografia de Patrícia Gatto)

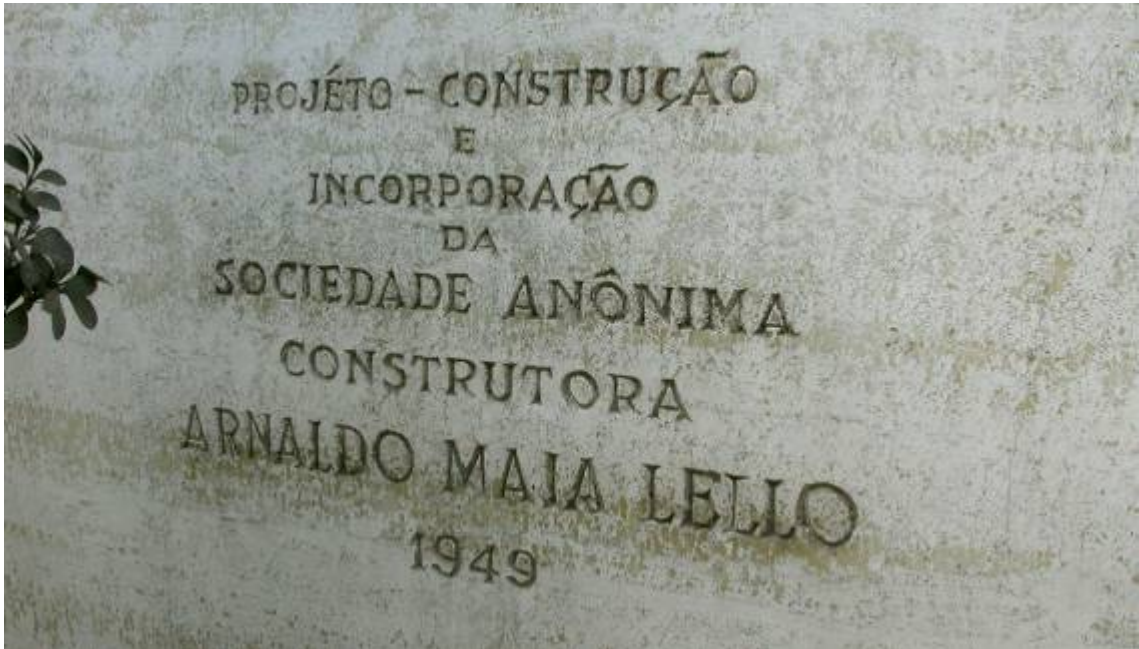


Figura 8. Mapa com a localização das epígrafes de Duarte.



Arnaldo Maia Lello é outro nome muito freqüente nas epígrafes, e quatro das seis inscrições encontradas informam também o ano, provavelmente da inauguração, do edifício (fig. 9). Pouco se sabe a respeito desse construtor, mas sua atividade profissional é atestada já em 1929, quando o Cine Paramount,⁶ construído por ele, foi inaugurado. A epígrafe mais recente é datada de 1949. Praticamente todas as epígrafes que mencionam Maia Lello concentram-se no quadrante inferior esquerdo, próximas à Avenida São Luís (fig. 10).

Figura 9. Epígrafe de Arnaldo Maia Lello. (fotografia de Patrícia Gatto)



6. O projeto original do cine-teatro Paramount, atual Teatro Abril, é de autoria desconhecida, pois os documentos de origem se perderam ou queimaram durante incêndio, em 1969.

Figura 10. Mapa com a localização das epígrafes de Arnaldo Maia Lello.



O nome mais freqüente, encontrado em todos os quadrantes, é o de Ramos de Azevedo, personagem célebre na história da construção de São Paulo, mais conhecido como engenheiro-arquiteto responsável pelo projeto e obra do Teatro Municipal e de outros importantes edifícios públicos da virada para o século XX. O escritório de Ramos de Azevedo contou, em suas fases iniciais, com vários arquitetos colaboradores, muitos dos quais imigrantes italianos. Seu nome aparece em 23 inscrições, às vezes sozinho, às vezes acompanhado por outros (geralmente seus associados, Severo & Villares), distribuído pelos quatro quadrantes, com mais alta concentração nos quadrantes superior direito e inferior esquerdo (fig. 11).

Figura 11. Mapa com a localização de todas as epígrafes que mencionam Ramos de Azevedo.



6. Mapeando a distribuição das epígrafes de Ramos de Azevedo ao longo do tempo

As epígrafes arquitetônicas que mencionam o escritório fundado por Ramos de Azevedo são numerosas, distribuídas de maneira uniforme na área, e mostram variações no design que marcam as várias fases da empresa. Tais características as tornam apropriadas para um estudo da distribuição das epígrafes ao longo do tempo, nos limites da área de pesquisa, utilizando-se uma metodologia de mapeamento.

Francisco de Paula Ramos de Azevedo nasceu no estado de São Paulo e estudou arquitetura em Ghent, na Bélgica. Retornando ao Brasil, montou um escritório na cidade de São Paulo e tornou-se uma figura proeminente na prática e no ensino da arquitetura. Em 1928, com a morte de Ramos de Azevedo, Ricardo Severo e Arnaldo Dumont Villares, que nessa época eram seus sócios, tornaram-se os chefes da empresa.⁷

A mais antiga epígrafe de Ramos de Azevedo é provavelmente a do edifício na Rua XV de Novembro, entre 1904 e 1907, originalmente sede do Banco Português. Todas as epígrafes gravadas anteriormente à morte do arquiteto, em 1928, seguem um mesmo modelo, com pouca variação no texto (fig. 12), geralmente iniciando com 'F. P. RAMOS DE AZEVEDO'. A figura 13 mostra que a presença das obras dessa primeira fase é mais intensa no quadrante superior direito, região em que se encontram a Bolsa de Valores e as sedes de muitos bancos.

7. Mais detalhes sobre Ramos de Azevedo podem ser encontrados em Lemos (1998), Carvalho (1999) e Ficher (2005).

Figura 12. Epígrafe de F. P. Ramos de Azevedo gravada antes de 1928. (fotografia de Patrícia Gatto)



Figura 13. Mapa com a localização das epígrafes de Ramos de Azevedo gravadas antes de 1928.



No final da década de 1920, Ramos de Azevedo, em parceria com os arquitetos Preston & Curtis (que, de acordo com Carvalho [1999:368], tinham um escritório no Rio de Janeiro), fizeram um primeiro esboço do imponente Edifício Alexander Mackenzie, sede da companhia 'The São Paulo Light & Power', localizado na esquina da Rua Cel. Xavier de Toledo com o Viaduto do Chá. A conclusão do projeto só se deu em 1929, ou seja, após a morte de Ramos de Azevedo. A epígrafe registra esse fato, pois inclui, pela primeira vez, os nomes de Severo & Villares (figuras 14 e 15), que assumiram o desenvolvimento dos projetos do escritório a partir do falecimento de Ramos de

Azevedo. O texto e o estilo da tipografia são, todavia, similares aos das epígrafes anteriores: duas linhas com letras gravadas em caracteres sem serifa góticos, em versalete.

Figura 14. Epígrafe do Ed. Alexander Mackenzie, onde se lê: PRESTON & CURTIS - F.P.RAMOS DE AZEVEDO & CIA - SEVERO & VILLARES | ARCHITECTOS - ENGENHEIROS – CONSTRUCTORES. (fotografia de Acácia M. G. Corrêa)



Figura 15. Mapa mostrando em púrpura a localização das epígrafes de Ramos de Azevedo gravadas antes de 1928, e em ocre, a epígrafe do Ed. Alexander Mackenzie.



Ricardo Severo e Arnaldo Dumont Villares, herdeiros do escritório Ramos de Azevedo, continuaram por muitos anos mencionando o nome de seu predecessor nas epígrafes de suas obras. Existem, porém, duas epígrafes nas quais 'Severo & Villares' aparece acima de 'Ramos de Azevedo' (fig. 16). O estilo tipográfico dessas epígrafes é muito similar aos modelos anteriores (letras sem serifa góticas em versalete). Entretanto, o uso da palavra 'architectos', com grafia anterior à da reforma ortográfica de 1943, e a substituição de 'F. P.' (Francisco de Paula) por 'ESC. TECH.' (escritório técnico), são evidências que dão base à hipótese de que essas inscrições tenham sido gravadas depois da morte de Ramos de Azevedo, durante a fase de seu inventário. Ambas as epígrafes estão localizadas em verde escuro no quadrante inferior esquerdo do mapa (fig. 17).

Figura 16. Epígrafe onde os nomes 'Severo & Villares' estão gravados acima de 'Ramos de Azevedo'. (fotografia de Patrícia Gatto)



Figura 17. Mapa mostrando em verde escuro a localização das epígrafes de Ramos de Azevedo gravadas até pouco tempo depois de sua morte.



A fase seguinte do escritório Ramos de Azevedo, Severo & Villares é marcada por uma epígrafe *art déco* especialmente elegante, encontrada no edifício da antiga Bolsa de Mercadorias (1933), atual Primeiro Tribunal da Alçada Civil, no Pátio do Colégio (fig. 18). Embora nenhuma outra epígrafe tenha exatamente as mesmas características gráficas desta, a aparência geral (letras sem serifa geométricas, estilo *art déco*, caracteres em caixa alta), o conteúdo e a segmentação do texto (ESCRITORIO TECNICO RAMOS DE AZEVEDO | SEVERO & VILLARES | ENGENHEIROS

– ARQUITETOS – CONSTRUTORES) sugerem que ela faz parte de um grupo maior de epígrafes similares (fig. 19). As epígrafes deste grupo estão distribuídas próximo ao eixo horizontal, e podem ser encontradas em maior número na região da Rua Marconi, no quadrante inferior esquerdo (fig. 20, em verde claro).

Figura 18. Epígrafe arquitetônica do escritório Ramos de Azevedo encontrada no edifício da antiga Bolsa de Mercadorias. (fotografia de Acácia M. G. Corrêa)



Figura 19. Epígrafe arquitetônica do escritório Ramos de Azevedo, Severo & Villares gravada no início da década de 1930. (fotografia de Patrícia Gatto)



Figura 20. Mapa com a localização (em verde claro) das epígrafes de Ramos de Azevedo gravadas no início da década de 1930.



Durante a década de 1930, Severo & Villares continuaram a utilizar tipos geométricos e sem serifas. O próximo grupo de epígrafes a serem analisadas tem como modelo aquela encontrada no edifício Ouro Para o Bem de São Paulo (fig. 21), construído em 1939. Esse exemplo difere daqueles da fase anterior devido à robustez das letras na linha do meio da epígrafe, onde as letras que compõem a expressão 'SEVERO & VILLARES & CIA' aparecem não apenas em tamanho maior, mas também mais pesadas e em negativo (fig. 22). No mapa (fig. 23), as epígrafes deste grupo aparecem (em amarelo esverdeado) nos quadrantes inferior esquerdo e superior direito, próximo àquelas do último grupo analisado.

Figura 21. Epígrafe do escritório Ramos de Azevedo, Severo & Villares, encontrada no edifício Ouro Para o Bem de São Paulo. (fotografia de Acácia M. G. Corrêa)



Figura 22. Exemplo de epígrafe do escritório Ramos de Azevedo, Severo & Villares, gravada no final da década de 1930. (fotografia de Patrícia Gatto)



Figura 23. Mapa com todas as epígrafes de Ramos de Azevedo gravadas até o final da década de 1930.



O último conjunto de epígrafes relacionadas com a construtora Ramos de Azevedo foi gravado nas décadas de 1940 e 1950. Embora a segmentação seja a mesma e apenas o texto seja diferente, o estilo tipográfico não apresenta similaridade com os modelos anteriores. Outra peculiaridade deste conjunto é o uso da sigla 'S.A.' em substituição ao '& CIA', ou '& CIA LTDA' do grupo anterior, alteração na forma jurídica que é consistente com o surgimento do primeiro decreto-lei regulamentando as Sociedades Anônimas no Brasil, em 1940, e denota uma ampliação do porte da empresa. Curiosamente, enquanto o estilo arquitetônico tornava-se menos ornamentado e mais próximo ao cânone modernista, Severo & Villares adotaram letras serifadas e mais condensadas para suas epígrafes (fig. 24). Epígrafes com esse modelo concentram-se no quadrante superior direito da área demarcada pela pesquisa (fig. 25, em verde água). Poderíamos conjecturar que, construindo novos edifícios, muitas vezes em estilo moderno, em área próxima àquela dominada pela presença do ecletismo de Ramos de Azevedo, Severo & Villares sentiram a necessidade de expressar algum tipo de nostalgia e reverência, e com isso abandonaram o letreiramento em estilo moderno.

Figura 24. Exemplo de epígrafe do escritório Ramos de Azevedo, Severo & Villares gravada entre os anos 1940 e 1950.



Figura 25. Mapa com todas as epígrafes de Ramos de Azevedo gravadas até a década de 1950.



Um último exemplo a acrescentar a esta série é uma epígrafe em metal que menciona apenas os nomes Severo & Villares (fig. 26). Essa é seguramente a 'assinatura' mais recente do escritório Severo & Villares na área, estando localizada (em amarelo) no quadrante superior direito, muito próxima ao eixo horizontal (fig. 27). O estilo tipográfico é, uma vez mais, definido pela ausência de serifa e pelo caráter geométrico, mas o uso da letra 'e' em caixa-baixa entre os nomes dos associados, e de 'S.A.' (em substituição a '& CIA') faz que ela se aproxime mais dos modelos serifados do que dos modelos sem serifa mais antigos.

Figura 26. Epígrafe em metal de Severo & Villares. (fotografia de Anna Gouveia)



Figura 27. Mapa da localização de todas as epígrafes de Ramos de Azevedo e Severo & Villares, divididas por fases, em cores diferenciadas.



7. Conclusão

Embora ainda haja informações a serem coletadas e lacunas a serem preenchidas em nosso banco de dados (especialmente no que diz respeito a datas precisas para a construção de edifícios), a metodologia do mapeamento, exemplificada aqui, mostrou-se bastante eficiente como método de apresentação de evidência e análise de caso. Poderíamos imaginar que, em casos nos quais informações precisas não possam ser encontradas na bibliografia especializada ou em bases oficiais de documentação, a data da construção de um edifício poderia ser inferida pela proximidade com uma determinada fase do conjunto geral de epígrafes disseminadas em uma determinada área.

O mapeamento e a comparação dos padrões de presença e disseminação da obra de diferentes construtores podem, além de ajudar a identificar padrões e direcionamentos de ocupação na área central como demonstrado neste artigo, também contribuir para uma melhor compreensão da história da arquitetura na cidade de São Paulo. Vários arquitetos e engenheiros mencionados nas epígrafes permanecem ainda pouco conhecidos, ou têm sido completamente ignorados. Descobrir e revelando as mensagens ocultas gravadas nas fachadas dos edifícios da cidade, esperamos resgatar os motivos e convicções que guiaram a ação de seus autores.

Agradecimento

Os autores agradecem o apoio recebido do Centro Universitário Senac, da Unicamp, USP, Capes, CNPq e Fapesp, para suas pesquisas. Também agradecem aos bolsistas de Iniciação Científica Acácia M. G. Corrêa, pelas fotografias de sua autoria, e Fernanda Indicatti e Flávio Cescato, pelo desenvolvimento dos mapas usados neste trabalho.

Referências

BAINES, Phil & DIXON, Catherine. 2003. *Signs: lettering in the environment*. London: Collins Design.

- BARNES, Alison. 2005. Mapping meaning: Redrawing the geo/graphic landscape. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DESIGN DA INFORMAÇÃO, 2. *Anais...*
- BARTRAM, Alan. 1975. *Lettering in architecture*. London: Lund Humphries.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolf de. 1999. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: Edusp.
- FICHER, Sylvia. 2005. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp.
- GRAY, Nicolete. 1986. *A history of lettering: creative experiment and letter identity*. Boston: David R. Godine.
- GRAY, Nicolete. 1960. *Lettering on buildings*. New York: Reinhold.
- KINNEIR, Jock. 1980. *Words and buildings: the art and practice of public lettering*. London: Architectural Press.
- TUFTE, Edward R. 1997. *Visual explanations: images and quantities, evidence and narrative*. Cheshire: Graphic Press.

Sobre os autores

Priscila Lena Farias, Doutora, Centro Universitário Senac e USP

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Design do Senac-SP e professora do curso de design da FAU-USP. Autora do livro *Tipografia digital (2AB)* e de diversos artigos sobre tipografia, design e semiótica. Organizadora dos livros *Fontes digitais brasileiras* (Rosari) e *Advanced issues in cognitive science and semiotics* (Shaker Verlag).

<priscila.farias@pq.cnpq.br>

Anna Paula Silva Gouveia, Doutora, Centro Universitário Senac e Unicamp

Arquiteta e Doutora pela FAU-USP. É professora do Instituto de Artes da Unicamp e do Centro Universitário Senac. Tem experiência na área de Arquitetura e Design Gráfico, atuando principalmente nos seguintes temas: metodologia de projeto e ensino, desenho, cor e tipografia aplicada à paisagem urbana.

<annagouveia@iar.unicamp.br>

André Luiz Tavares Pereira, Doutor, Faap e Unicsul

Pós-doutorando pela FAU-USP, é Doutor em História Social pela Unicamp (2006) e Mestre em História da Arte (2000) pela mesma universidade. Atualmente desenvolve um segundo doutoramento na área de Poéticas Visuais, com ênfase em Desenho, no Instituto de Artes da Unicamp. É professor de História da Arte nos cursos de pós-graduação da Faap e da Unicsul.

<andretavarestap@gmail.com>

Haroldo Gallo, Doutor, Unicamp e Faap

Arquiteto, doutor e livre-docente em arquitetura e urbanismo. É docente e pesquisador com trabalhos profissionais, artigos e livros publicados no Brasil e internacionalmente. Integrou e dirigiu diversas instituições de classe e defesa do patrimônio. Atualmente é professor associado na Unicamp.

<haroldogallo@uol.com.br>

Patrícia Gatto, Mestre, Centro Universitário Senac

Fotógrafa, jornalista e mestre em Antropologia pela PUC-SP. É professora do centro Universitário Senac. Tem experiência em fotojornalismo e fotopublicidade, e hoje atua principalmente com fotografia documental.

<p.gatto@uol.com.br>